



# Ministros trabalham de olho nas eleições de 86

Pelo menos 15, em maio do próximo ano, devem deixar o ministério para disputar as eleições

A.C. SCARTEZINI  
Da Editoria de Política

Numa conversa recente, o ministro Aureliano Chaves contou a um grupo de amigos a angústia que vive neste momento: gostaria de abandonar o Ministério das Minas e Energia para cuidar em tempo integral de sua campanha ao governo de Minas Gerais, a bordo do qual decolaria em novo vôo rumo ao Palácio do Planalto. "Mas eu não posso deixar o Ministério agora", confessou. "Se deixar, o governo do Sarney fica ainda mais fraco".

A correção do raciocínio de Aureliano, hoje o ministro com maior respaldo político, não oculta, porém, o outro lado da moeda. O governo de Sarney ficaria mais forte se houvesse uma ampla revoada de ministros que permitisse ao Presidente organizar à sua feição uma equipe para substituir o Ministério cheio de contradições internas que Tancredo armou para governar sobre as divergências.

Resta ao presidente Sarney um consolo: se não quiser demitir seus ministros desde logo, basta esperar mais 11 meses. Em maio de 1986, espera-se a revoada da maioria dos 27 ministros, atrás da desincompatibilização de cargos para participar das eleições gerais de novembro. Entre os 21 ministros civis, pelo menos 15 incluem em seus planos, neste momento, a desincompatibilização.

Mas nenhum deles gostaria de sair agora do Ministério, com exceção de Aureliano. "Eu não sei porque

o Tancredo inventou essa história de que o gabinete civil pertence à intimidade do Presidente...", queixa-se o ministro José Hugo Castelo Branco em rodas amigas. Se o gabinete civil pertence à intimidade do Presidente, José Hugo para Tancredo calu com perfeição no cargo. Mas, com Sarney, passa a ser um estranho no ninho, no qual aduba sua candidatura a deputado federal por Minas.

Aureliano é uma exceção porque o ninho de sua candidatura a governador está mais em Minas do que no lerd e pesado Ministério, pobre em dividendos eleitorais diretos. Além disso, sua presença no Estado é importante para conter a erosão das bases suas e do PFL sob a pressão do PMDB. Se dedicasse mais a Minas, Aureliano pode inverter o fenômeno e trazer ao PFL pedaços do PMDB insatisfeitos com o governador Hélio Garcia.

### CABELOS AZUIS

Enquanto maio não chega, os ministros candidatos trabalham com o pensamento nas urnas de novembro. José Hugo Castelo Branco socorreu-se com publicitários amigos para construir uma nova imagem que substitua a real: do ministro que seria forte com Tancredo, mas perdeu força com Sarney. Na mudança de imagem, tingiu com alguns fios azuis seus respeitáveis cabelos brancos e pretos, no mesmo momento em que abriu as portas do gabinete civil a políticos e empresários. Passou a viajar mais a Be-

lo Horizonte e não esconde sua disposição de trocar o Planalto pela Câmara dos Deputados, onde está à sua espera nobre missão de constituinte.

O fascínio da missão de constituinte pode explicar a evasão de outros ministros que não se sentem bem no Ministério. Affonso Camargo deve deixar o Ministério dos Transportes para tornar-se um deputado na Assembleia Constituinte, a primeira eleição direta que disputaria em sua respeitável carreira política. Ao Senado, não deve voltar.

"Eu sou mesmo é candidato a constituinte", comentou em Salvador, neste fim de semana, o ministro Waldir Pires, ao iniciar mais uma visita à Bahia em campanha eleitoral. Logo depois, os amigos lançaram Pires, em Vitória da Conquista, ao Governo do Estado. Na realidade, o ministro da Previdência Social não consegue disfarçar: seu objetivo é mesmo o Palácio de Ondina.

E o mesmo palácio onde já despachou o ministro Antônio Carlos Magalhães, mas que, agora distancia-se dele. Se quiser voltar ao Palácio, o ministro das Comunicações pode enfrentar desafios poderosos, como a revisão dos eleitores fantasmas, o combate com o PMDB e a oposição do PDS dos senadores Lomanto Júnior, Luiz Viana Filho e Jutahy Magalhães — três antigos aliados, hoje adversários resolutos. Por isso, pode preferir o Senado ou a Câmara dos Deputados.

### TROVÃO DE SÃO PAULO

"Eu faço qualquer coisa

para ser ministro de Tancredo", confessou, em fevereiro, o ministro Olavo Setúbal. Pensava no Ministério da Fazenda e acabou no Ministério das Relações Exteriores. Agora, pode fazer qualquer coisa para ser governador de São Paulo, até mesmo uma aliança com o ex-presidente Jânio quadros: Setúbal apoiaria Jânio para prefeito e o PTB apoiaria Setúbal a governador.

Realista, Setúbal sabe que os maiores problemas podem estar no veto de seus amigos políticos e empresários, com os quais convive bem, mas sem despertar entusiasmo neles. "O Olavão tem a voz de um trovão", interpreta um empresário paulista com sensibilidade política. "Alto, fala com a gente de cima para baixo e cuspiando", emenda, para dissecar um defeito de Setúbal: gosta de falar muito, mas não dialoga.

Mais discreto, o mineiro Roberto Gusmão finge-se à vontade no Ministério da Indústria e do Comércio, mas pensa mesmo é no governo de São Paulo. Gusmão dedica-se, estes dias, a armar sua campanha a governador a partir de uma base na imprensa estadual. Seria uma campanha à sombra dos seus amigos do jornal O Estado de S. Paulo, com os reforços de emissoras de rádio e televisão.

### ÓRFÃOS DE TANCREDO

Como José Hugo, Roberto Gusmão é um órfão de Tancredo Neves que está numa situação difícil: foram alçados pelo ex-

presidente nos governos de Minas e São Paulo, mas não podem contar com a proteção dos seus governadores em vôos de malor vergadura. Outro órfão é o ministro Carlos Sant'Anna: o Ministério da Saúde não lhe oferece uma sustentação importante, e, por isso, o seu destino é a renovação do mandato de deputado federal pela Bahia.

Num caso semelhante, o mineiro Fernando Lyra gostaria de governar Pernambuco, mas encontra obstáculos fortes no PMDB e no PFL. Deve deixar o Ministério da Justiça em troca de outro mandato de deputado federal, sob a glória de ser constituinte numa Assembleia que ajudou a convocar.

Sem Tancredo, o ministro Aluizio Alves não perdeu muito, porque é íntimo de Sarney. Mas não pensa no governo do Rio Grande do Norte. Aluizio pode preferir candidatar-se ao Senado e deixar o governo com seu aliado Geraldo Melo, empresário que preside o PMDB no Estado. Se não for candidato, pode trocar o Ministério da Administração por outro.

### NOVA AMIZADE

Antes de ser ministro, Aluizio Alves já era amigo de Sarney, mas o goliano Flávio Peixoto tornou-se uma face amiga ao Presidente apenas no calor dos primeiros embates da administração da Nova República. Flávio chegou ao Ministério do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente por indicação do governador Iris Rezende a Tancredo e recebe deferências

personais de Sarney pelo seu trabalho pela definição do reajuste da casa própria.

A nova amizade pode prender Flávio Peixoto no Ministério, mas ele também pensa no Palácio das Esmeraldas, sobretudo porque a vitória do PMDB na disputa pela prefeitura de Goiânia, este ano, é a mais segura na eleição dos prefeitos das capitais — Iris consegue atravessar mais da metade do seu governo sem perder prestígio popular e, agora, deve tentar o Senado com os olhos na Presidência da República.

A eleição de prefeitos nas capitais atraiu a atenção do ministro Almir Pazzianotto, que encomendou pesquisas populares para aferir seu prestígio em São Paulo. Preferiu continuar no Ministério do Trabalho por mais um ano e depois tentar a Câmara dos Deputados, para colaborar na Assembleia Constituinte.

### APUROS DO ADVERSÁRIO

Antigo adversário de Sarney nas campanhas políticas do Maranhão, o ministro Renato Archer está numa situação difícil. Chegou ao Ministério da Ciência e Tecnologia pelas mãos de Tancredo, encontrou Sarney pela frente e vai ser duro pensar no governo do "Maranhão sem o apoio pessoal do Presidente".

Acontece ainda que Sarney não pensava em ser presidente, mas em ser vice, quando, no início do ano, firmou um acordo com outro antigo adversário pelo PMDB, deputado Epitá-

cio Cafeteira. Pelo acordo, Sarney apoiaria Cafeteira ao governo em 1986 e garantiria sua eleição. Em reciprocidade, Cafeteira apoiaria na sua sucessão o deputado José Sarney Filho, o Zeca.

A situação se complica porque, como presidente, Sarney continua no PMDB mas não esquece o PFL. No Maranhão, o PFL dá as cartas com o governador Luiz Rocha e o consentimento de Sarney. Rocha, por sinal, deve cumprir o mandato até o último dia. Se sair, assume o vice João Rodolfo, amigo do ex-governador e senador João Castelo, inimigo de Sarney, Archer e Cafeteira. Com todas essas complicações, Archer deve preferir a Câmara dos Deputados.

### NÃO CAEM

O futuro complica-se menos para o ministro Pedro Simon, que deve deixar o Ministério da Agricultura para uma nova disputa pelo Governo do Rio Grande do Sul. Se as negociações políticas tornarem o governo difícil, Simon pode contar com uma das duas vagas a serem abertas no Senado — uma das quais é sua mesma.

A presença no Ministério de Sarney também facilita a vida do ministro Paulo Lustosa. Desde que assumiu o Ministério da Desburocratização, Lustosa planejou sua ascensão ao Governo do Ceará. Se esbarrar nos poderosos caciques cearenses, não perde nada: continua deputado federal. Com a sua saída, porém, o Ministério da Desburocratização pode ser extinto.

### OS QUE FICAM

Entre os 21 civis, apenas seis ministros não pensam em se candidatar em 1986. Neles, a posição mais cômoda é a do ministro Marco Maciel: possui o mandato de senador até janeiro de 1991 e ancora-se no poderoso Ministério da Educação. Com esses trunfos, só pensa na sucessão de Sarney.

Em outra posição, os ministros João Sayad e Francisco Dornelles duelam mesmo é pelo comando da economia. Se Sayad deixar o Ministério do Planejamento ou Dornelles ficar sem o Ministério da Fazenda, será apenas pelo gosto de Sarney. Para ambos, a disputa é pela permanência no Ministério.

Na mesma luta fica o ministro Nelson Ribeiro, sob a mira dos setores conservadores por causa do empenho que dedica à reforma agrária, a razão do Ministério do Desenvolvimento e Reforma Agrária. Sem contestações, os mineiros Ronaldo Costa Couto e Aluizio Pimenta navegam serenamente, pelo menos até agora, nos Ministérios do Interior e da Cultura.

Há muitos anos os ministros militares não se confiavam aos ministérios militares, mas, agora, eles estão lá e ninguém pensa em mudanças. São seis ministros: generais Leônidas Pires Gonçalves (Exército), Rubem Bayma Denys (Gabinete Militar) e Ivan Mendes (SNI); almirantes Henrique Saboya (Marinha) e José Maria Amaral (EMFA); e brigadeiro Octavio Moreira Lima (Aeronáutica).